

Natalidade e fecundidade em São Paulo: o risco da interpretação equivocada dos dados

A rápida e contínua redução do tamanho da família brasileira vem sendo apontada por diferentes estudos e levantamentos. Visível nas famílias com maior poder aquisitivo, o fenômeno passou a atingir, nas duas últimas décadas, também os segmentos sociais mais pobres. No entanto, em certos espaços da Região Metropolitana e do Município de São Paulo, onde é clara a concentração de famílias de baixa renda, registra-se elevado crescimento populacional, além da forte presença de crianças e adolescentes. Para alguns observadores e com repercussão crescente na sociedade, esses sinais indicariam a persistência, nesses espaços, da grande presença de famílias numerosas. O que este estudo pretende demonstrar é o grave engano dessa interpretação, que pode resultar no desenho de políticas na área da saúde reprodutiva com ênfases e prioridades dissociadas dos interesses da população e desfocadas de seus próprios objetivos finais.

A chave para entender o fenômeno apontado – crescimento populacional expressivo simultaneamente à redução do tamanho das famílias – reside na distinção entre a taxa de natalidade e a de fecundidade. Entende-se por taxa de natalidade a proporção entre o número de nascimentos e a população total de determinada região. A taxa de fecundidade corresponde ao número médio de filhos por mulher durante seu período reprodutivo. O equívoco daquela interpretação é supor que uma elevada taxa de natalidade decorra, necessariamente, de uma alta taxa de fecundidade.

Essa suposição, ao menos na situação presente, é enganosa. Como se verá, o fenômeno mencionado deve-se à concentração de jovens associada à fecundidade precoce das mulheres residentes nas regiões periféricas, onde predomina a população mais carente. Ali, a fecundidade adolescente é alta, embora a fecundidade final não seja tão elevada – situação contrária à das mulheres residentes nas áreas centrais e mais favorecidas, onde a fecundidade, além de baixa, é tardia, denunciando a situação de vulnerabilidade, sobretudo juvenil, das áreas periféricas dos grandes centros urbanos.

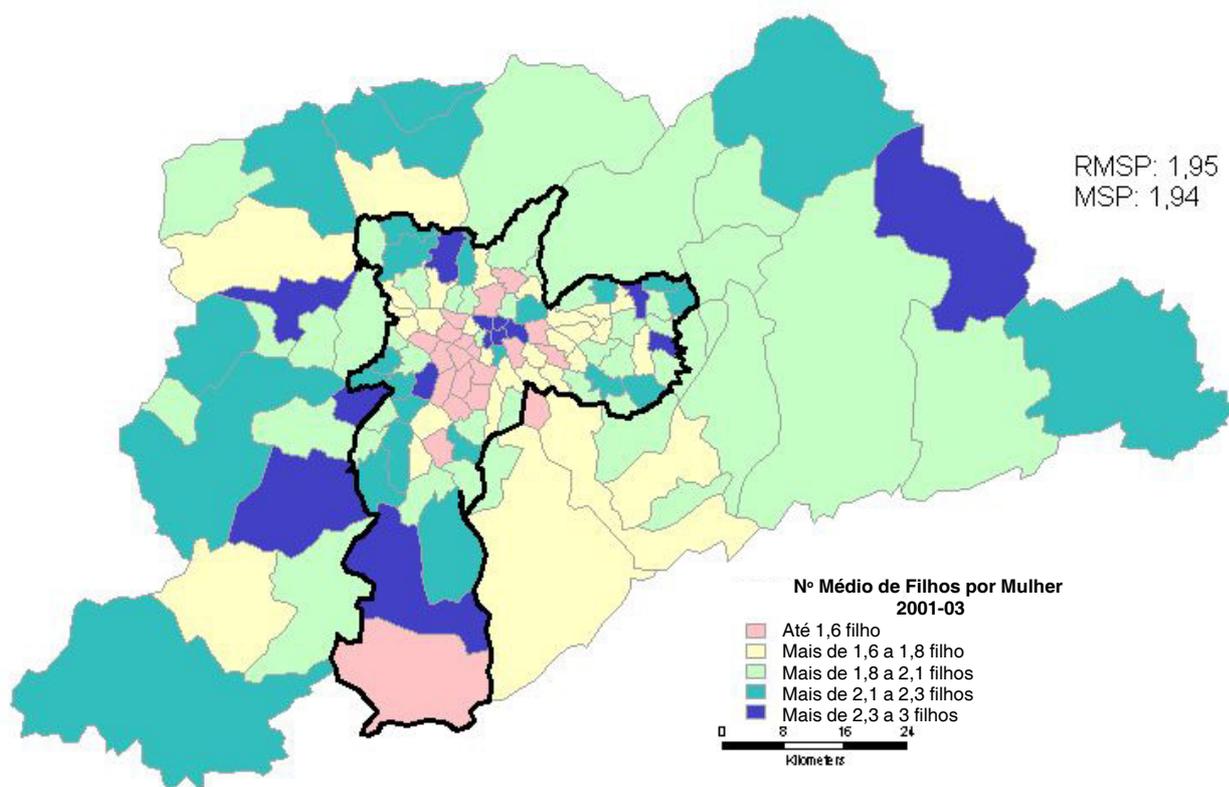
A fecundidade para o total do Estado de São Paulo, calculada a partir das estatísticas do registro civil elaboradas pela Fundação Seade, vem diminuindo desde a década de 80 e atingiu os valores mais baixos, em todas as suas áreas, no início do século XXI.

Em 2003, na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), a fecundidade era inferior a dois filhos por mulher (1,95). Há alguma heterogeneidade desse indicador entre os municípios pertencentes à RMSP: as taxas mais altas (próximas de 3 filhos por mulher) foram registradas nos municípios periféricos e socialmente menos favorecidos e, as menores (inferiores a 1,8 filho por mulher), nos municípios mais privilegiados, como os do ABC.

Essa heterogeneidade também está presente na capital, isto é, entre os distritos que compõem o Município de São Paulo. Enquanto a taxa de fecundidade média do município, em 2003, correspondia a 1,94 filho por mulher, em alguns de seus distritos – Alto de Pinheiros, Consolação – aproximava-se de um filho por mulher e, em outros – Morumbi, Brás – era de quase três filhos. A diferença entre os valores extremos desse indicador nos distritos da capital foi de quase dois filhos.

O mapa ilustra as diferenças de fecundidade segundo os municípios da RMSP e os distritos da capital. Observa-se que as mulheres residentes nas áreas periféricas e menos favorecidas da região¹ registram, em geral, fecundidade mais elevada do que aquelas moradoras nas áreas mais centrais e privilegiadas.

Número Médio de Filhos por Mulher
Municípios da Região Metropolitana e Distritos da Capital
Triênio 2001/03



Fonte: Fundação Seade. Sistema de Estatísticas Vitais.

A fecundidade tanto na RMSP como na capital situa-se entre 2,1 e 3,0 filhos para as mulheres residentes em áreas cujas condições socioeconômicas são desfavoráveis. As moradoras em áreas intermediárias apresentam valores também intermediários (entre 1,6 e 2,1 filhos) e as residentes em áreas mais favorecidas registram número médio de filhos inferior a 1,6.

Apesar de alguma heterogeneidade nos níveis da fecundidade intra-regional, chama a atenção o reduzido número de filhos entre a maioria das mulheres. Vários fatores podem explicar esse comportamento: aumento da

1. Diversos produtos disponíveis na página da Internet da Fundação Seade (www.seade.gov.br) permitem caracterizar as localidades através dos indicadores demográficos e socioeconômicos, dentre os quais destacam-se o produto "Município de São Paulo – MSP", que permite conhecer a heterogeneidade e a desigualdade demográfica e socioeconômica segundo distritos e subprefeituras da capital, e o "Índice Paulista de Responsabilidade Social – IPRS", segundo municípios e regiões do Estado de São Paulo.

escolaridade, maior participação feminina no mercado de trabalho, uso de métodos anticoncepcionais, restrições financeiras e mudanças nos valores e modelos culturais em relação ao número de filhos ou ao tamanho de família.

Outro aspecto relevante é o número de mulheres pertencentes a cada um destes estratos de fecundidade. A Tabela 1 apresenta a distribuição da população feminina dos distritos da capital e dos municípios da RMSp, reagrupada segundo o nível de fecundidade.

Tabela 1

Distribuição das Mulheres de 15 a 49 Anos, segundo Níveis de Fecundidade
Município de São Paulo e Região Metropolitana – 2003

Nº Médio de Filhos por Mulher – TFT	Em porcentagem	
	MSP	RMSp (1)
	100,0 (96)	100,0 (38)
Até 1,6	13,5 (19)	1,7 (1)
De 1,6 a 1,8	20,4 (24)	21,6 (6)
De 1,8 a 2,1	33,3 (25)	59,8 (19)
De 2,1 a 2,3	26,1 (18)	9,1 (8)
De 2,3 a 3,0	6,7 (10)	7,8 (4)

Fonte: Fundação Seade.

(1) Exceto Município de São Paulo.

Nota: Entre parênteses, o número de distritos ou municípios pertencentes a cada intervalo de fecundidade.

As mulheres com maiores taxas de fecundidade (superiores a 2,1 filhos), moradoras em áreas periféricas, correspondem a 32,8% das residentes na capital, enquanto 53,7% têm fecundidade entre 1,6 e 2,1 filhos e 13,5% detêm a menor fecundidade (inferior a 1,6 filho). Na Região Metropolitana, uma proporção elevada das mulheres (81,4%) apresenta fecundidade entre 1,6 e 2,1 filhos e aquelas com fecundidade acima de 2,1 filhos correspondem a quase 20% das residentes na região.

Esses resultados mostram que as mulheres com fecundidade média acima de 2,1 filhos representam uma pequena parcela da população feminina e que a proporção de mulheres com baixa ou intermediária fecundidade amplia-se cada vez mais.

Considerando a escolaridade da mulher como um outro indicador de estratificação social, as informações do Censo Demográfico de 2000 mostram resultados semelhantes (Tabela 2): a fecundidade das mulheres com menor instrução (menos de quatro anos de estudo) é de 3,1 filhos; a daquelas com escolaridade entre 4 e 7 anos é de 2,7; e entre as mais instruídas (com 8 a 11 anos e mais de 12 anos de escolaridade), a fecundidade é de 1,8 e 1,2 filho por mulher, respectivamente.

Como no caso anterior, as mulheres menos instruídas e com a fecundidade mais elevada correspondem a uma parcela pequena da população feminina. Quase a metade das mulheres em idade reprodutiva (de 15 a 49 anos) moradoras na RMSp possuía de 8 a 11 anos de estudo e fecundidade média de 1,8 filho por mulher e 18,0% possuíam mais de 12 anos de estudo, com uma média de apenas 1,2 filho por mulher (Tabela 2). As

Tabela 2

Taxa de Fecundidade e Proporção de Mulheres de 15 a 49 Anos, segundo Anos de Estudo
Município de São Paulo e Região Metropolitana – 2000

Anos de Estudo	Nº Médio de Filhos por Mulher	% de Mulheres de 15 a 49 Anos
Total	2,1	100,0
Até 3 Anos	3,1	9,5
4 a 7 Anos	2,7	25,1
8 a 11 Anos	1,8	47,4
12 Anos ou Mais	1,2	18,0

Fonte: IBGE. Censo Demográfico de 2000; Fundação Seade.

demais se distribuíam entre as menos instruídas (9,5%) e aquelas com 4 a 7 anos de escolaridade (25,1%), cuja fecundidade era superior a dois filhos. Esta tendência também é observada em todo o país e explica porque a fecundidade da população já não é tão elevada como no passado.

Estes resultados mostram que a fecundidade diminuiu em todos os subgrupos populacionais, sendo que as mulheres com maior número de filhos correspondem a uma minoria, fazendo com que, em média, a fecundidade em São Paulo encontre níveis reduzidos.

Fecundidade precoce das mulheres menos favorecidas versus fecundidade tardia das mulheres mais favorecidas

Na seção anterior demonstrou-se que os diferenciais de fecundidade que ainda persistem nas diversas áreas da Região Metropolitana e do Município de São Paulo não são suficientes para justificar o elevado número de crianças presentes em suas periferias. Porém, outra característica do padrão reprodutivo dessas mulheres pode explicar melhor tal fenômeno: a idade em que elas têm seus filhos.

Para ilustrar essas diferenças, selecionaram-se três distritos da capital que podem ser representativos das diferentes condições de vida presentes na região: Guaianases, como uma das áreas socialmente menos favorecidas, Ipiranga, em situação intermediária, e Pinheiros, como a mais privilegiada.

Nesse caso, o indicador utilizado foi a distribuição da fecundidade por idade, isto é, a participação da fecundidade das mulheres, segundo grupos etários, na fecundidade final.

Em 2003, as adolescentes de 15 a 19 anos residentes na capital responderam por 15,4% da fecundidade das mulheres em idade reprodutiva (Gráfico 1). Entretanto, essa proporção varia conforme o local de residência ou condição de vida de sua população: em Guaianases, a fecundidade das mulheres com menos de 19 anos correspondeu a 17% do total, enquanto em Pinheiros este grupo respondeu por apenas 5,9% e, no distrito de Ipiranga, por 15,2%. As jovens de 20 a 24 anos têm uma participação maior na fecundidade total, pois nessas idades as uniões e a formação das famílias aumentam. Assim, as jovens da primeira área contribuíram com 28,7% da fecundidade total, as de Ipiranga, com 24%, e as de Pinheiros tiveram uma participação ainda baixa, de 14%.

Esses primeiros resultados já mostram a profunda distinção entre os padrões reprodutivos das diversas regiões da capital. Enquanto as jovens com menos de 25 anos residentes em Guaianases já realizaram a metade da fecundidade total, em Pinheiros esta parcela respondeu por apenas 20% e a de Ipiranga, por 39%. Além disso, a fecundidade diminui bastante após os 30 anos entre as mulheres de Guaianases, indicando que, além de precoce, ela é jovem. Tais resultados se repetem nas demais áreas da capital ou da RMSP, segundo o nível socioeconômico da população, indicando que a precocidade da fecundidade é mais comum nas populações socialmente menos favorecidas.

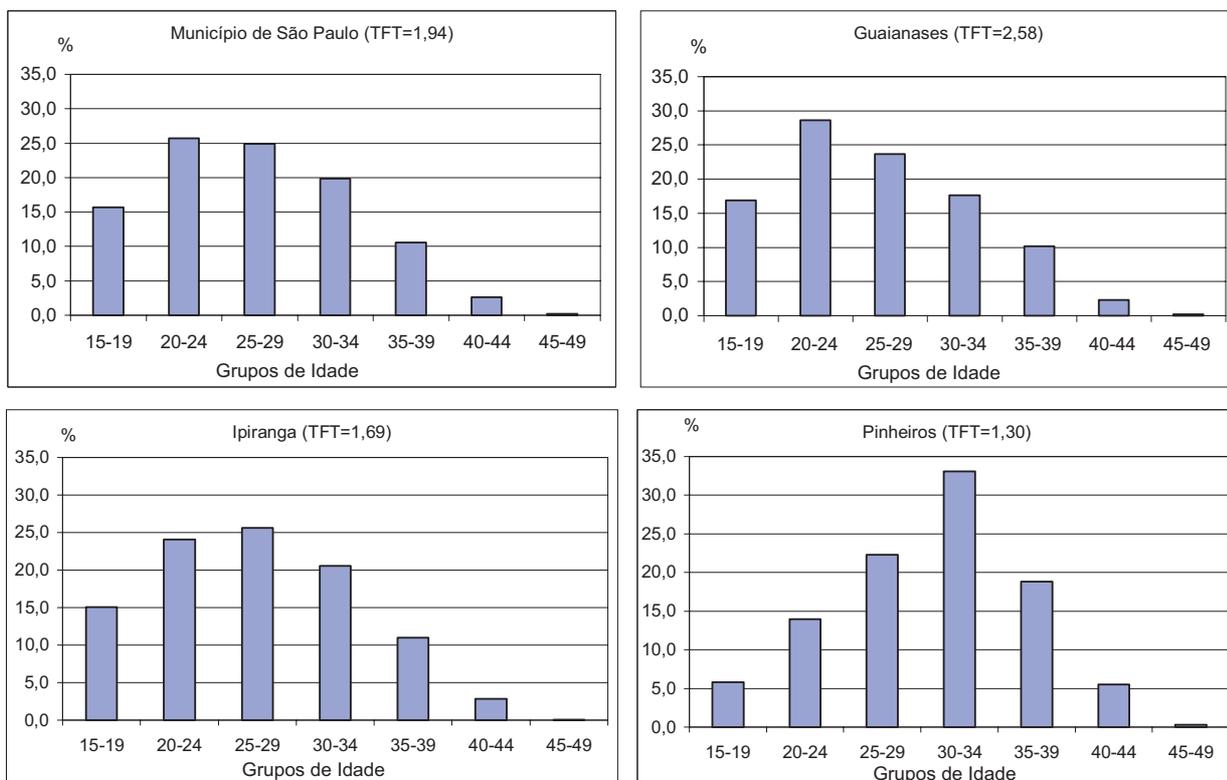
No outro extremo, nas regiões mais privilegiadas, onde a fecundidade é bastante baixa, como em Pinheiros, a maternidade ganha importância após os 25 anos, pois 74% da fecundidade total ocorre entre 25 e 39 anos (Gráfico 1) e seu pico entre 30 e 35 anos, comportamento que pode ser caracterizado como fecundidade tardia. Certamente, essas mulheres adiaram a maternidade em função de prioridades dadas à sua formação educacional e inserção profissional, fazendo uso dos meios anticoncepcionais, razão pela qual a fecundidade é baixa entre as adolescentes e mesmo para as mulheres de 20 a 24 anos.

Nas áreas intermediárias, o padrão de fecundidade por idade apresenta comportamento também intermediário, pois mais de 70% da fecundidade total é realizada entre 20 e 35 anos, como ilustrado pelo distrito de Ipiranga, no Gráfico 1.

Essas informações mostram que diferentes padrões reprodutivos coexistem na capital, onde a fecundidade mais baixa está associada a um padrão etário mais tardio e, no outro extremo, as taxas mais altas associam-se à fecundidade precoce, concentrada em idades mais jovens. Em ambos os casos, a presença de anticoncepção parece importante, mas, no primeiro, é utilizada principalmente para planejar o início da maternidade, enquanto no segundo sobretudo para limitar a fecundidade já realizada.

Gráfico 1

Distribuição das Taxas de Fecundidade, por Grupos de Idade
Distritos Selecionados do Município de São Paulo
Triênio 2001/03



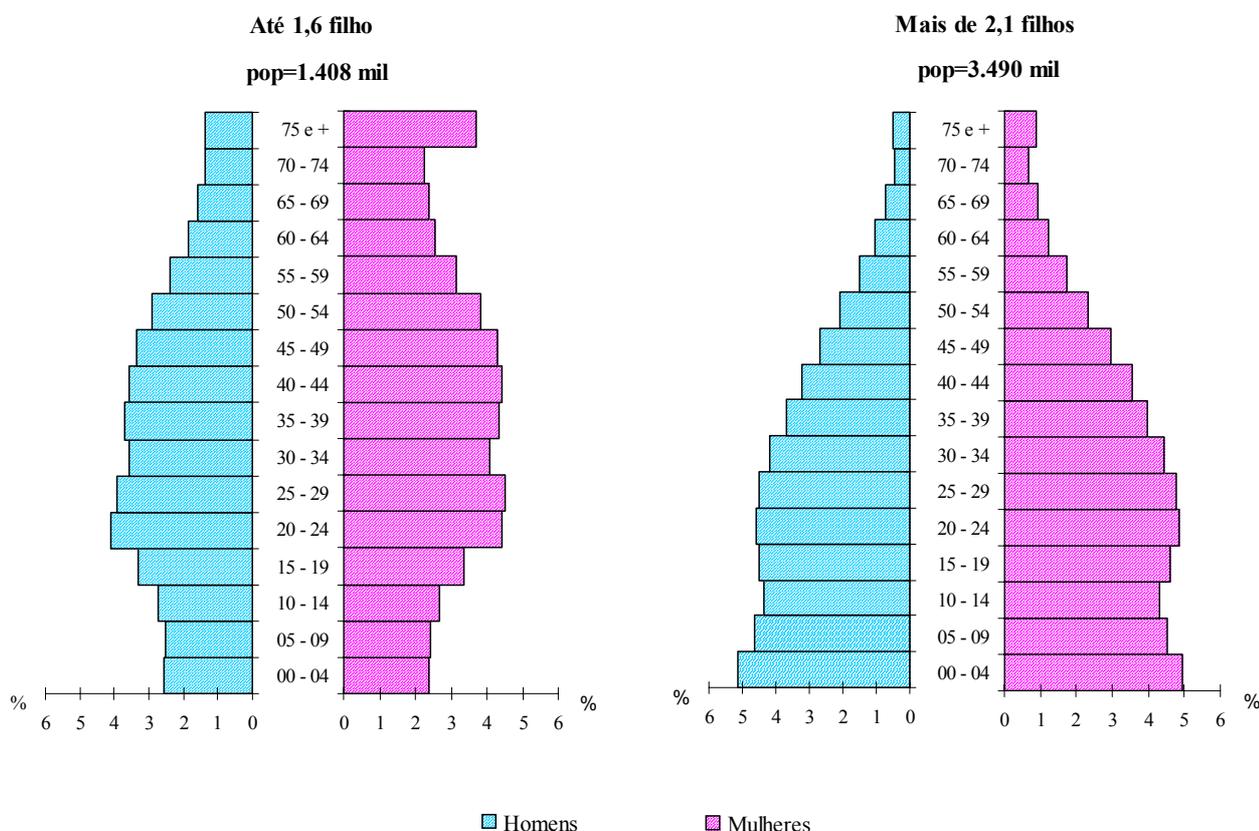
Fonte: Fundação Seade. Sistema de Estatísticas Vitais.

As análises dos níveis e das estruturas da fecundidade mostram que nas áreas mais periféricas, onde o crescimento populacional é elevado (alguns distritos e municípios cresceram mais de 4% ao ano, entre 1991 e 2004) e a concentração de jovens é importante (mais de 45% de pessoas com menos de 25 anos), a fecundidade varia, em média, entre 2,3 e 3 filhos por mulher, concentrando-se naquelas com menos de 30 anos. Entretanto, esta fecundidade já não é tão alta como ocorria no passado e seu reflexo pode ser mais bem avaliado na pirâmide populacional.

A título de ilustração, apresentam-se as pirâmides populacionais segundo os níveis de fecundidade mais baixo e mais alto. A base da segunda pirâmide, que corresponde aos filhos das jovens mães pertencentes à população com fecundidade superior a 2,1 filhos, é mais larga, mas pouco se distingue da proporção correspondente a suas mães. Isso indica que a fecundidade dessas mulheres tem sido suficiente apenas para repor sua própria geração (caso a fecundidade fosse, por exemplo, de 3 filhos por mulher, a base da pirâmide seria mais larga).

Gráfico 2

Pirâmides da População, segundo Nível de Fecundidade
Município de São Paulo
2003



Fonte: Fundação Seade. Sistema de Estatísticas Vitais.

A primeira pirâmide, que corresponde à população com fecundidade média inferior a 1,6 filho, indica que a parcela das crianças é bem reduzida, resultado de fecundidade baixa (inferior ao nível de reposição²) das mulheres pertencentes a este estrato populacional.

Em resumo, os dados aqui apresentados mostram que a taxa de fecundidade total das mulheres da Região Metropolitana, assim como do conjunto do país, vem caindo persistentemente, inclusive entre as mais pobres. O que distingue essas últimas é o fato de iniciarem a maternidade precocemente e, com o uso de métodos contraceptivos, finalizarem-na também precocemente, resultando numa prole pequena. Assim, as áreas onde predomina a população de baixa renda vem apresentando crescimento acelerado, com alto número de nascimentos. Entretanto, a concentração de crianças nesses espaços é um eco do grande número de jovens que iniciam (e concluem) precocemente seu processo reprodutivo e não consequência da persistência de famílias numerosas entre os pobres.

Por último, vale ressaltar que as taxas de fecundidade apresentadas correspondem a valores médios dos comportamentos da população de uma localidade ou de um subgrupo populacional, ou seja, haverá sempre, no interior destes grupos, mulheres com fecundidade maior ou menor (inclusive nula) do que os valores médios. Entretanto, aquelas com menor fecundidade têm participação cada vez maior na população, o que explica a tendência constante e generalizada de queda da fecundidade. Portanto, cabe aos responsáveis pela formulação de programas e políticas públicas estarem atentos à heterogeneidade da situação e às necessidades específicas de cada grupo, de forma que a saúde e os direitos reprodutivos estejam ao alcance de toda a população.

2. A expressão "nível de reposição" é utilizada quando a taxa de fecundidade total atinge o valor de 2,1 filhos por mulher, ou seja, o número médio de filhos que cada mulher deveria ter durante sua vida fértil para reposição de sua geração.

Demografia na Internet

- Dados Populacionais
- Documentos Populacionais
- Indicadores Demográficos
- Relógio Populacional
- Memórias das Estatísticas Demográficas
- SP Demográfico

Acesse www.seade.gov.br

Governador do Estado
Geraldo Alckmin

Vice-Governador
Cláudio Lembo

Secretário de Economia e Planejamento
Andrea Sandro Calabi

Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados – Seade

Diretora Executiva
Felicja Reicher Madeira

Diretor Adjunto Administrativo e Financeiro
Marcos Martins Paulino

Diretor Adjunto de Análise Socioeconômica
Sinésio Pires Ferreira

Diretor Adjunto de Produção de Dados
Vivaldo Luiz Conti

Chefia de Gabinete
Ana Celeste de Alvarenga Cruz

SP
DEMOGRÁFICO

Produção
Gerência de Indicadores e Estudos Populacionais (Gepop)

Redação
Lúcia Mayumi Yazaki – lmayzaki@seade.gov.br

Edição
Gerência de Editoração e Arte (Geart)

Av. Cásper Líbero 464 – 01033-000 – São Paulo SP
Fone (11) 3224-1600 – Fax (11) 3224-1700
www.seade.gov.br seade@ouvidoria.sp.gov.br geadi@seade.gov.br

Permitida a reprodução, desde que citada a fonte.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
Secretaria de Economia e Planejamento

SEADE
Fundação Sistema Estadual
de Análise de Dados